

KARL OVE KNAUSGÅRD

A ilha da infância

Minha luta 3

Tradução do norueguês

Guilherme da Silva Braga



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2009 by Forlaget Oktober A/S
Todos os direitos reservados.

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro de NORLA.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Min Kamp 3

Capa

Raul Loureiro/ Claudia Warrak

Imagem de capa

© Lise Sarfati, 1993

Revisão

Jane Pessoa

Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Knausgård, Karl Ove

A ilha da infância : minha luta 3 / Karl Ove Knausgård ;
tradução do norueguês Guilherme da Silva Braga. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original : Min Kamp 3

ISBN 978-85-359-2549-4

1. Literatura norueguesa 2. Romance autobiográfico
I. Título.

15-00172

CDD-839.823

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norueguesa 839.823

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Num dia encoberto e de tempo ameno em agosto de 1969, por uma estradinha próxima à margem de uma ilha em Sørlandet, entre jardins e rochas, prados e florestas, subindo pequenos morros e fazendo curvas fechadas, ora com árvores nos dois lados, como num túnel, ora com o mar bem à frente, chegou um ônibus. O veículo pertencia à Arendal Dampskibsselskab e, como todos os ônibus da companhia, era marrom-claro e marrom-escuro. Atravessou uma ponte, seguiu ao longo de uma baía, dobrou à direita e parou. A porta se abriu, uma pequena família desceu. O pai, um homem alto e magro de camisa branca e calças claras de tergal, tinha consigo duas malas. A mãe, que vestia um casaco bege e tinha um lenço azul-claro por cima dos longos cabelos, empurrava um carrinho de bebê com uma das mãos e segurava um garotinho com a outra. Uma fumaça cinza e espessa permaneceu alguns instantes sobre o asfalto depois que o ônibus se afastou.

— Temos um pedaço a caminhar — disse o pai.

— Você acha que consegue, Yngve? — a mãe perguntou ao menino, que respondeu com um aceno de cabeça.

— Claro — ele disse.

O menino tinha quatro anos e meio, cabelos loiros, quase brancos, e

a pele bronzeada depois de um longo verão ao sol. O irmão, que mal tinha completado oito meses, estava no carrinho, olhando para o céu, sem compreender onde a família estava ou para onde ia.

Aos poucos, todos começaram a subir o morro. A estrada era de cascalho e estava cheia de pequenos e grandes buracos em função da chuva que havia caído. Campos estendiam-se nos dois lados da estrada. No fim da planície, que devia ter por volta de quinhentos metros, começava uma floresta, que aos poucos descia rumo às praias de pedra e tornava-se cada vez mais baixa, como se os ventos marítimos a comprimissem.

Uma casa recém-construída erguia-se à direita. Além dela não havia mais nenhuma construção à vista.

As grandes molas do carrinho rangiam. Passado algum tempo o bebê fechou os olhos e adormeceu com aqueles movimentos rítmicos e gloriosos. O pai, que tinha cabelos curtos e escuros e uma barba preta e cerrada, largou uma das malas para enxugar o suor da testa com a mão.

— Que mormaço — disse.

— É — a mãe respondeu. — Mas talvez esteja mais agradável perto do mar.

— Vamos torcer — o pai disse, e então tornou a pegar a mala.

Essa família comum em todos os aspectos, com pais jovens, como eram quase todos os pais naquela época, e dois filhos, como quase todos os pais tinham naquela época, havia se mudado de Oslo, onde tinha morado na Thereses Gate, perto do Bislett Stadion, durante cinco anos, para Tromøya, onde uma casa fora construída para eles num loteamento. Enquanto aguardavam que a casa ficasse pronta, alugariam uma outra, mais velha, no acampamento Hove. Em Oslo o pai tinha estudado durante o dia, inglês e norueguês, e trabalhado como guarda-noturno durante a noite, enquanto a mãe havia frequentado a escola de enfermagem em Ullevål. Mesmo que ainda não houvesse terminado a formação, o pai tinha procurado e conseguido um emprego como professor no ginásio de Roligheden, enquanto ela trabalharia no hospital psiquiátrico de Kokkeplassen. Os dois haviam se conhecido em Kristiansand quando ela tinha dezessete anos, ela engravidara aos dezenove, e os dois se casaram aos vinte, na pequena fazenda em Vestlandet onde ela

havia crescido. Ninguém da família do noivo compareceu ao casamento, e mesmo que aparecesse sorrindo em todas as fotografias, nota-se uma zona de solidão ao redor dele, percebe-se que não está no próprio ambiente em meio aos irmãos e irmãs, aos tios e às tias, aos primos e às primas da noiva.

Hoje os dois têm vinte e cinco anos, e têm a vida inteira pela frente. Trabalho próprio, casa própria, filhos próprios. Os dois estão juntos, e o futuro que almejam pertence a eles.

Será mesmo?

Os dois nasceram no mesmo ano, 1944, e pertenciam à primeira geração do pós-guerra, o que por diversos motivos representava uma certa novidade, em boa parte porque a trajetória de vida deles era uma das primeiras no país a desenrolar-se em uma sociedade planejada em grande escala. Os anos 1950 foram a época de desenvolvimento dos departamentos — o departamento educacional, o departamento de saúde, o departamento social, o departamento de estradas — e também dos escritórios e indústrias, e promoveram um grande processo de centralização que, num curto espaço de tempo, teve grandes consequências na forma como as vidas eram vividas. O pai dela, nascido no início do século xx, tinha sido criado na fazenda onde ela cresceu, em Sørbøvåg, Ytre Sogn, e não tinha formação nenhuma. O avô dela vinha de uma das ilhas no mar um pouco além, provavelmente como o pai e o avô dele. A mãe dela tinha sido criada em uma fazenda em Jølster, a uns cem quilômetros de distância, ela também não tinha formação nenhuma, e a árvore genealógica da família na região remontava até o século xvi. A família dele encontrava-se num lugar um pouco mais elevado da escala social, no sentido de que tanto o pai como o tio haviam completado o ensino superior. Mas eles também moravam no mesmo lugar onde os pais tinham nascido, ou seja, em Kristiansand. A mãe dele, que não tinha formação nenhuma, era de Åsgårdstrand, o pai era prático, e também havia policiais na família. Quando conheceu o marido, os dois mudaram-se para a cidade natal dele. Esse era o padrão. A mudança que se operou nos anos 1950 e 1960 foi uma verdadeira revolução, mas não teve a violência e a irracionalidade tão comuns nas revoluções. Não apenas os filhos de pescadores e agricultores, trabalhadores da indústria e do comércio passaram a frequentar a universidade e a diplomarse professores e psicólogos, historiadores e sociólogos, mas também a fixar residência em lugares muito distantes da região onde a família morava. O

fato de que agiam como se essa fosse a coisa mais natural do mundo diz um bocado sobre o espírito da época. O espírito de uma época vem de fora, mas influencia o lado de dentro. Todos são iguais para ele, mas ele não é igual para todos. Para uma jovem mãe dos anos 1960 pareceria totalmente absurda a ideia de casar-se com um rapaz da vizinhança e passar o resto da vida no mesmo lugar. Ela queria sair! Queria ter uma vida *própria*! A mesma coisa valia para os irmãos e as irmãs dela, e assim era nas famílias por todo o país. Mas por que essa vontade? De onde vinha essa convicção? Enfim, de onde vinha *a novidade*? Na família dela não havia nenhuma tradição parecida; o único que tinha viajado era Magnus, o irmão do pai, que tinha ido para os Estados Unidos em função da pobreza na pátria natal, mas a vida que tinha vivido por lá era praticamente a mesma que tinha vivido em Vestlandet. Para o jovem pai dos anos 1960 a situação era outra, na família dele esperavam que terminasse os estudos, mas não talvez que se casasse com a filha de um pequeno agricultor de Vestlandet e fosse morar em um loteamento nos arredores de uma pequena cidade em Sørlandet.

Mas, naquele dia quente e encoberto em agosto de 1969, os dois seguiam em direção ao novo lar, ele arrastando duas malas apinhadas de roupas dos anos 1960, ela empurrando um carrinho de bebê dos anos 1960 onde estava um bebê vestido com roupinhas de bebê dos anos 1960, ou seja, brancas e cheias de rendas, e entre os dois, balançando de um lado para o outro, feliz e curioso, empolgado e cheio de expectativa, ia Yngve, o filho mais velho. Seguiram pela planície e atravessaram o estreito cinturão da floresta até chegar ao portão, que estava aberto, e entraram na enorme área do acampamento. À direita ficava a oficina mecânica de um certo Vraaldsen, à esquerda, grandes cabanas vermelhas ao redor de um descampado coberto por cascalho, e mais atrás uma floresta de pinheiros.

Um quilômetro a leste ficava a igreja de Tromøya, uma igreja de pedra construída em 1150, mas que tinha partes ainda mais antigas e provavelmente era uma das igrejas mais antigas do país. Ficava em um pequeno monte e em tempos imemoriais tinha sido usada como ponto de referência para navios, marcada em todos os mapas marítimos. Em Mærdø, uma pequena ilha no arquipélago mais além, a velha fazenda de um comandante de navio servia de testemunho à época de grandeza na região, os séculos XVIII e XIX, quando o comércio com o mundo ao redor, e em especial o comércio de

madeira, floresceu. Nas excursões ao Aust-Agdermuseet as classes escolares viam objetos holandeses e chineses que remontavam a essa época e a tempos ainda mais remotos. Em Tromøya havia plantas incomuns e estranhas, elas tinham vindo junto com os navios que esvaziavam a água do lastro, e, segundo ensinavam na escola, foi em Tromøya que as batatas foram cultivadas pela primeira vez. Nas sagas dos reis escritas por Snorre a ilha era mencionada diversas vezes, na terra sob os pátios e gramados podiam se encontrar pontas de flecha da Idade da Pedra, em meio às pedras arredondadas das longas praias de cascalho havia fósseis.

Mas quando a família em mudança atravessou lentamente aquela região aberta cheia de tralhas, não era o século XVIII nem o século XIII, o século XVII nem o século XIX que predominava nos arredores. E a responsável era a Segunda Guerra Mundial. A região tinha sido usada pelos alemães durante a guerra; as cabanas e muitas das casas tinham sido construídas por eles. Na floresta havia um bunker de tijolos totalmente intacto, e no alto das encostas ao longo das praias havia diversas bases de canhão. Existia até uma pequena base aérea alemã na região.

A casa onde haviam de morar nos anos vindouros ficava afastada, no meio da floresta. Era pintada de vermelho com as janelas brancas. Do mar, que não era visível daquele lugar, embora ficasse poucas centenas de metros mais para baixo, vinha um murmúrio constante. O lugar cheirava a floresta e a água salgada.

O pai largou as malas, pegou a chave e abriu a porta. Lá dentro havia um corredor, uma cozinha, uma sala com um forno a lenha, um banheiro com lavanderia e, no segundo andar, três quartos. As paredes não tinham isolamento, a cozinha era simples. Não havia telefone, não havia lava-louça, não havia máquina de lavar e não havia tv.

— Chegamos — disse o pai, carregando as malas para o quarto enquanto Yngve corria de uma janela a outra olhando para a rua e a mãe estacionava o carrinho com o bebê adormecido no lado de fora da porta.

É claro que eu não me lembro de nada dessa época. É totalmente impossível para mim identificar-me com o bebê de colo que os meus pais fotografaram, na verdade é tão difícil que parece até errado usar a palavra “eu” para

falar dele, em cima do trocador, por exemplo, com a pele muito vermelha, os braços e as pernas estendidos e o rosto contorcido em um grito que ninguém mais lembra o que poderia ter ocasionado, ou em uma pele no chão, vestido com um pijama branco, ainda com o rosto vermelho e grandes olhos pretos levemente estrábicos. Será que aquela criatura é a mesma que agora está em Malmö escrevendo estas palavras? E será que a criatura que agora está em Malmö escrevendo estas palavras, aos quarenta anos, num dia encoberto de setembro em um cômodo repleto do murmúrio do tráfico no lado de fora e do vento de outono que uiva no antigo sistema de ventilação, há de ser o mesmo velho grisalho e encolhido que daqui a quarenta anos talvez vá estar tremendo e babando em uma casa de repouso no meio das florestas suecas? Para não falar do corpo estendido que um dia há de se estender em cima da mesa de um necrotério? Mesmo assim, as pessoas vão se referir a ele como “Karl Ove”. Não é totalmente inacreditável que um único nome possa abranger tudo isso? Que possa abranger o feto no ventre, o bebê de colo no trocador, o homem de quarenta anos atrás do PC, o velho na cadeira, o cadáver no necrotério? Não seria mais natural operar com nomes distintos, uma vez que as identidades e as percepções de si mesmo apresentam diferenças tão profundas? Que o feto pudesse chamar-se Jens Ove, por exemplo, e o bebê de colo Nils Ove, e o menino dos cinco aos dez anos Per Ove, o menino dos dez aos doze anos Geir Ove, o rapaz dos treze aos dezessete anos Kurt Ove, o rapaz dos dezessete aos vinte e três anos John Ove, o homem dos vinte e três aos trinta e dois anos Tor Ove, o homem dos trinta e dois aos quarenta anos Karl Ove — e assim por diante? Assim o primeiro nome representaria o que há de único em cada idade, o segundo representaria a continuidade, e o sobrenome representaria a família.

Não, eu não me lembro de nada dessa época, não sei nem ao menos em que casa morávamos, mesmo que o meu pai uma vez a tenha mostrado para mim. Tudo que sei em relação a essa época eu aprendi com o que os meus pais me contaram e com as fotografias que vi. Naquele inverno houve um acúmulo de neve com vários metros de altura, como acontece às vezes em Sørlandet, e o caminho até a casa parecia um pequeno desfiladeiro. Yngve chega me empurrando num carrinho de bebê, lá está ele com os esquis curtos nos pés, sorrindo para o fotógrafo. Dentro da casa ele aponta para mim e ri, ou então fico sozinho agarrado às grades do berço. Eu chamava o meu

irmão de “Aua”, foi a minha primeira palavra. Ele também era o único que entendia o que eu falava, segundo me disseram, e assim traduzia o que eu dizia para o meu pai e a minha mãe. Também sei que Yngve andou pela vizinhança tocando as campainhas para perguntar se havia alguma criança por lá, minha avó sempre contava essa história. “Tem alguma criança aqui?”, ela dizia com uma voz infantil e em seguida dava uma risada. E eu sei que caí da escada e sofri um tipo de choque, parei de respirar, fiquei com a cara roxa e senti câibras, minha mãe correu me levando no colo até a casa mais próxima onde havia um telefone. Ela achou que era epilepsia, mas não era, não era nada. Sei também que meu pai gostava de ser professor, que ele era um pedagogo dedicado e que num desses anos levou uma turma a uma excursão na montanha. Existem fotos dessa viagem, ele parece jovem e feliz em todas elas, sempre rodeado por adolescentes vestidos da maneira suave tão característica dos primeiros anos na década de 1970. Blusões de lã, calças largas, botas de borracha. Os cabelos deles eram grandes, não grandes e arrumados como nos anos 1960, mas grandes e macios, caindo por cima do rosto suave de adolescentes. Minha mãe uma vez disse que talvez ele nunca tenha sido tão feliz como nessa época. E também existem fotos da minha avó, de Yngve e de mim — duas tiradas em frente a um lago congelado, eu e Yngve com grandes blusões de lã, os dois feitos pela nossa avó, o meu amarelo-mostarda e marrom — e duas tiradas na varanda da casa deles em Kristiansand, numa ela aparece com o rosto colado no meu, é outono, o céu está azul, o sol baixo, estamos olhando em direção à cidade, eu devia ter dois ou três anos.

Talvez pareça que essas fotografias representam uma espécie de lembrança, uma espécie de memória, porém sem o “eu” de onde as memórias em geral emergem, e a questão é naturalmente o que significam nesse caso. Já vi incontáveis fotografias das famílias de amigos e de namoradas e elas são praticamente todas idênticas. As mesmas cores, as mesmas roupas, os mesmos ambientes, as mesmas atividades. Mas eu não associo essas fotografias a nada, de certa forma são desprovidas de sentido, e esse aspecto torna-se ainda mais evidente quando vejo as fotografias da geração anterior, nas quais vejo apenas um grupo de pessoas vestidas com roupas estranhas fazendo qualquer coisa que me parece incompreensível. Tiramos fotografias de uma época, e não das pessoas, que não se deixam capturar. Nem mesmo as pessoas mais próximas de mim. Quem era a mulher que posava em frente ao fogão no apartamento

na Thereses Gate com um vestido azul, os joelhos unidos e as pernas separadas, nessa postura típica dos anos 1960? A mulher com os cabelos arrumados? Com os olhos azuis e o sorriso discreto, tão discreto que não era sequer um sorriso? Aquela que tinha uma mão na alça do bule reluzente com tampa vermelha? Era a minha mãe, claro, a minha própria mãe, mas quem era ela? No que estava pensando? Como encarava a própria vida, a mesma vida que vivia até agora, e tudo o que viria pela frente? Era simplesmente ela, mas nesse sentido a fotografia não diz coisa nenhuma. Uma mulher estranha num lugar estranho, nada mais. E o homem que dez anos mais tarde está numa montanha bebendo café da mesma tampa vermelha, já que tinha esquecido de colocar as canecas na mala antes da viagem, quem era? Aquele com a barba preta e bem-feita e cabelos grossos e bastos? Com lábios sentimentais e olhar alegre? Ah, claro, era o meu pai, o meu próprio pai. Mas quem ele era para si mesmo, naquele instante e em todos os outros, já ninguém mais sabe. E é assim com todas essas fotografias, e também com as minhas. São completamente vazias, o único significado que pode ser lido é aquele que o tempo conferiu. De qualquer modo, essas fotografias são uma parte de mim e da minha história mais íntima, assim como a foto das outras pessoas também é parte delas. Sentido, falta de sentido, sentido, falta de sentido, eis a onda que atravessa nossa vida e instaura a tensão fundamental. Tudo o que recordo dos primeiros seis anos da minha vida, todas as fotografias e coisas que restaram daquela época eu trago para perto de mim, porque são uma parte importante da minha identidade, porque conferem ao recôndito de outra forma vazio e desmemoriado do “eu” significado e continuidade. A partir desses pedaços e fragmentos eu construí para mim um Karl Ove, um Yngve, uma mãe e um pai, uma casa em Hove e uma casa em Tybakken, uma avó paterna e um avô paterno, uma avó materna e um avô materno, uma vizinhança e um monte de crianças.

Essa vida improvisada num lugar que mais parecia um cortiço é o que posso chamar de minha infância.

A lembrança não é uma grandeza confiável ao longo de uma vida. Mas não simplesmente porque o valor maior da lembrança não seja a verdade. A exigência da verdade nunca é o fator que determina se a lembrança vai repro-

duzir um acontecimento da maneira correta ou não. Esse fator é o egoísmo. A lembrança é pragmática, é insidiosa e astuta, mas não de forma inamistosa ou maligna; pelo contrário, ela faz de tudo para agradar o próprio anfitrião. Alguma coisa a lança em direção ao vazio do esquecimento, alguma coisa a distorce até torná-la irreconhecível, alguma coisa a interpreta mal com modos cortesês, sempre alguma coisa, e essa coisa pode ser quase nada, e ela se lembra de maneira clara, nítida e correta. O que é lembrado de maneira correta, veja bem, jamais nos é dado escolher.

No que me diz respeito, as memórias dos meus primeiros seis anos praticamente inexistem. Não me lembro de quase nada. Não tenho a menor ideia de quem tomava conta de mim, o que eu fazia, com quem eu brincava, tudo foi como que varrido da minha lembrança, e os anos 1969-1974 são um grande nada e um grande vazio na minha vida. O pouco que consigo recordar não vale muita coisa: estou em uma ponte de madeira em uma floresta esparsa que sugere uma montanha alta, aos meus pés encontram-se as águas de um grande córrego, a água é verde e branca, começo a pular, a ponte balança e eu dou risada. Ao meu lado está Geir Prestbakmo, o filho do vizinho, ele também pula enquanto dá risada. Estou no banco de trás de um carro, paramos em um semáforo, o meu pai se vira e diz que estamos em Mjøndalen. Estamos indo assistir a um jogo do Start, mas não lembro nada a respeito da ida, da partida ou da volta. Subo em um morro em frente à nossa casa e empurro um grande caminhão de plástico verde e amarelo, e aquilo me dá uma sensação incrível de riqueza, bem-estar e alegria.

Isso é tudo. São os meus seis primeiros anos.

Mas essas são memórias canônicas, já estabelecidas nos meus sete ou oito anos, a magia da infância: as primeiras coisas que eu lembro! No entanto, também existem outros tipos de lembranças. Aquelas que não são fixas e que não se deixam evocar mediante a vontade, mas que às vezes dão a impressão de se desprender e subir até a superfície da consciência por si mesmas e por um tempo parecem flutuar como uma espécie de medusa transparente, despertada à vida por um certo cheiro, um certo gosto, um certo som... E com elas vem sempre uma sensação profunda e imediata de felicidade. Existem também as lembranças associadas ao corpo, quando fazemos um gesto que outra vez fizemos, como erguer a mão a fim de proteger o rosto contra o sol, pegar uma bola no ar, correr pelo campo com o fio de uma pipa na mão e

os próprios filhos correndo logo atrás. São memórias que despertam sentimentos: a fúria repentina, o choro repentino, o medo repentino, e assim nos vemos no mesmo lugar onde estávamos, damos por assim dizer uma volta em nós mesmos, jogados anos para trás a uma velocidade alucinante. E existem também as lembranças associadas às paisagens. Pois as paisagens da infância não são como as paisagens que vêm depois, elas têm uma carga totalmente diferente. Nessas paisagens infantis, cada pedra, cada árvore é repleta de significado, e como tudo aquilo foi visto pela primeira vez, e também porque foi visto tantas vezes depois, a imagem se aloja nas profundezas da consciência, não apenas de maneira vaga e aproximada, como a paisagem em frente à casa de um adulto se apresenta quando fecha os olhos e tenta evocá-la, mas com uma precisão e uma riqueza de detalhes quase grotesca. Nos meus pensamentos, basta abrir a porta e sair para que as imagens me inundem. O cascalho na estradinha, que no verão ganhava uma cor quase azulada. Nada mais, apenas as estradinhas da infância! E os carros dos anos 1970 que andavam nelas! Fuscas, Citroëns DS, Taunus, Granadas, Asconas, Kadetts, Consuls, Ladas, Amazonas... Mas tudo bem, no cascalho, ao longo da cerca manchada de marrom, por cima dos sulcos superficiais que ficavam entre a nossa estrada, a Nordâsen Ringvei, e Elgstien, que atravessava toda a região e passava por outros dois loteamentos sem contar o nosso. O barranco de terra escura e gorda que começava na beira da estrada e descia até a floresta! O nascimento quase instantâneo de caules finos e verdes no asfalto: frágeis e solitários em meio àquela nova imensidão preta, e depois a duplicação quase brutal no ano seguinte, que deixou o barranco totalmente coberto por arbustos exuberantes. Pequenas árvores, grama, dedaleiras, dentes-de-leão, samambaias e arbustos que apagaram por completo o nítido limite entre a estrada e a floresta. E ao subir o morro, ao longo da calçada com a pequena mureta de cimento, e, ah, a água que escorria e fluía e inundava quando vinha a chuva! O caminho à direita, um atalho até o novo supermercado B-Max. O pequenino pântano ao lado, não maior do que duas vagas de estacionamento, as bétulas que davam a impressão de estar sedentas logo acima. A casa de Olsen no alto do pequeno outeiro, e a estrada que o cortava por trás. Chamava-se Grevlingveien. Na primeira casa à esquerda moravam John e Trude, a irmã dele, a casa ficava em um terreno que era mais ou menos um talude. Eu sempre sentia medo quando tinha que passar por aquela casa. Em parte porque John às vezes

jogava pedras ou bolas de neve nas crianças que passavam, em parte porque eles tinham um pastor-alemão... Aquele pastor... Ah, agora lembrei! Aquele cachorro era um monstro enorme. Ele ficava preso na varanda ou perto da estrada, latindo para todo mundo que passava, correndo de um lado para o outro no espaço em que a correia permitia enquanto gritava e uivava. Era magro e tinha olhos amarelos e doentes. Uma vez ele desceu o monte correndo em minha direção, com Trude logo atrás e a correia solta no chão. Eu tinha ouvido falar que não se deve correr quando um bicho vem em nossa direção, por exemplo um urso na floresta, o correto era ficar parado e agir como se nada estivesse acontecendo, então foi o que eu fiz, me detive assim que o vi. Não adiantou nada. O cachorro nem sequer levou em conta que eu estava imóvel, simplesmente abriu a bocarra e cravou os dentes no meu antebraço, perto do pulso. Trude o alcançou no instante seguinte, pegou a correia e puxou com tanta força que ele foi arrastado para trás. Saí correndo e chorando. Tudo naquele bicho me dava medo. Os latidos, os olhos amarelos, a baba que escorria da boca, os dentes redondos e afiados que haviam marcado o meu braço. Em casa eu não disse nada sobre o que tinha acontecido por medo de levar uma bronca, porque num caso desses havia muitas possibilidades para reprimendas: eu não devia estar por lá naquele instante, ou então não devia ter chorado, que motivo haveria para ter medo de um cachorro? Daquele dia em diante uma onda de medo tomava conta de mim toda vez que eu via o pastor. E era fatal, porque eu tinha não apenas ouvido falar que o certo era ficar parado durante o ataque de um animal perigoso, mas também que os cachorros sentiam o cheiro do medo. Não sei quem me disse, mas era uma das coisas que se costumava dizer, e que todos sabiam: os cachorros sentem o cheiro do medo. E assim eles ficam com medo ou então agressivos e partem para o ataque. Se você não tem medo, eles são bonzinhos.

Como pensei a respeito disso! Como eles podiam sentir o *cheiro* do medo? Que *cheiro* teria o medo? Será que não daria para fingir que eu não estava com medo para que, mesmo que o cachorro sentisse o cheiro do medo, não percebesse o *verdadeiro* sentimento por trás de tudo?

Kanestrøm, que morava a duas casas de nós, também tinha um cachorro. Era um labrador que se chamava Alex, e era manso como um cordeiro. Ele andava atrás do sr. Kanestrøm onde quer que fosse, mas também atrás dos quatro filhos dele se fosse preciso. Olhar manso e tranquilo, movimentos

amistosos. Mesmo assim eu tinha medo. Porque quando você aparecia no alto do morro e se aproximava para tocar a campainha, ele latia. Não um latido cauteloso, amigável ou pensativo, mas latidos fortes, profundos e ri-bombantes. Nessas horas eu parava.

— Oi, Alex — eu dizia às vezes se não houvesse ninguém por perto. — Eu não estou com medo, entendeu? Não estou.

Se houvesse mais alguém eu tinha que continuar, fazer de conta que não estava acontecendo nada, abrir caminho por entre os latidos e, quando Alex surgia na minha frente de boca aberta, eu me abaixava e dava uns tapinhas nas costelas dele enquanto o meu coração batia forte no peito e todos os meus músculos amoleciam de medo.

— Pare quieto, Alex! — Dag Lothar às vezes dizia, quando o cachorro subia depressa a estradinha de cascalho que saía do porão ou então quando saía correndo pela porta da frente.

— O Karl Ove tem medo dos seus latidos, cachorro idiota!

— Não tenho — eu dizia. Dag Lothar me encarava com um sorriso estático, que pretendia dar a entender que eu não precisava me dar àquele trabalho.

Depois seguíamos caminho.

Para onde?

Para a floresta.

Descíamos até Ubekilen.

Descíamos até os trapiches.

Subíamos até a ponte.

Descíamos até Gamle Tybakken.

Seguíamos até a fábrica que moldava botes plásticos.

Subíamos a montanha.

Íamos até o Tjenna.

Subíamos até o B-Max.

Descíamos até o Fina.

Isso quando simplesmente não corríamos pela estrada onde morávamos, ou ficávamos de bobeira em frente a uma das casas, ou nos sentávamos nas muretas ou no alto da grande cerejeira que não era de ninguém.

Isso era tudo. Esse era o mundo.

Mas que mundo!